

ENTRE VISAGENS E MISURAS: DENOMINAÇÕES PARA “FANTASMA” NO FALAR DO AMAPÁ

BETWEEN VISAGES AND MISURAS: DENOMINATIONS FOR "GHOST" IN SPEAKING OF AMAPÁ

Romário Duarte Sanches 
Andreina Nunes Pereira 

RESUMO

Este artigo apresenta as denominações para “fantasma” no português falado por amapaenses. Trata-se de um estudo geolinguístico e variacionista que busca descrever a variação linguística e suas respectivas variáveis sociais a partir da localização geográfica dos falantes. Como suporte teórico, temos a Dialetoologia (FERREIRA; CARDOSO, 1994) e a Geolinguística (CARDOSO, 2010). A metodologia da pesquisa segue os parâmetros já adotados para o Atlas Linguístico do Amapá - ALAP (RAZKY; RIBEIRO; SANCHES, 2017), considerando, assim, 40 informantes (homens e mulheres de 1ª faixa etária e 2ª faixa etária), 10 localidades e o item lexical 148 - Fantasma, do Questionário Semântico-Lexical - QSL. Os resultados mostram que as variantes lexicais mencionadas por amapaenses, para denominar “um ser de outro mundo”, foram: *visagem*, *fantasma*, *assombração*, *espírito*, *alma*, *vulto*, *visão*, *misura*, *sombra*, *lobisomem* e *lenda*. Sendo que os homens preferem as variantes *visagem*, *fantasma*, *assombração*, *visão*, *lobisomem* e *lenda*. Já as mulheres mencionam com mais frequência *alma*, *espírito*, *vulto*, *misura* e *sombra*.

PALAVRAS-CHAVE: Variação lexical. Fantasma. Amapá.

ABSTRACT

This article presents the names for “ghost” in Portuguese spoken by Amapá. This is a geolinguistic and variationist study that seeks a linguistic variation and its social variables based on the geographic location of the speakers. As theoretical support there is Dialectology (FERREIRA; CARDOSO, 1994) and Geolinguistics (CARDOSO, 2010). The research methodology follows the parameters already adopted for the Amapá Linguistic Atlas - ALAP (RAZKY; RIBEIRO; SANCHES, 2017), thus considering 40 informants (men and women of the 1st age group and 2nd age group), 10 locations and the lexical item 148 - Ghost, of the Semantic-Lexical Questionnaire - QSL. The results presented that the lexical variants mentioned by Amapá people, to name “a being from another world”, were: *visagem*, *fantasma*, *assombração*, *espírito*, *alma*, *vulto*, *visão*, *misura*, *sombra*, *lobisomem* and *lenda*. Being that men prefer the variants *visagem*, *fantasma*, *assombração*, *visão*, *lobisomem* and *lenda*. Women, on the other hand, more often mention *alma*, *espírito*, *vulto*, *misura* and *sombra*.

KEYWORDS: Lexical variation. Ghost. Amapá.

INTRODUÇÃO

É difícil negar a relação entre língua, sociedade e cultura. Para Sapir (1969), há uma forte tendência em atribuir elementos da cultura humana à influência do ambiente em que estão situados os falantes dessa cultura. No entanto, para o autor, o ambiente físico só irá se refletir na língua na medida em que as forças sociais atuarem sobre ele. Por exemplo, a existência de uma espécie de animal no ambiente físico não é suficiente para fazer surgir um signo linguístico correspondente. É preciso que o animal seja conhecido pelos membros do grupo em geral e que tenham nele algum interesse.

Quando se trata de seres sobrenaturais, como os “fantasmas”, são explicados como um fenômeno cultural, histórico e universal, que estão presentes na sociedade desde as culturas religiosas pré-históricas animistas até as sociedades denominadas modernas. Segundo Tylor (1871), o termo animista é uma construção antropológica usado para explicar as crenças em seres não-humanos por povos primitivos – como animais, plantas, objetos inanimados e fenômenos extrafísicos – que possuem uma essência espiritual, dotado de “alma”.

Nos estudos psicanalísticos, os “fantasmas” ou “assombrações” são tratados como seres sobrenaturais que estão alojados em nossas memórias e fazem parte do que não queremos ou não toleramos lembrar. Para Mandelbaum (2018), esses seres apresentam-se numa linguagem de difícil compartilhamento com os outros e com nós mesmos.

Como forma de materializar, linguisticamente, esses seres sobrenaturais, entre os componentes de uma língua natural, tem-se o léxico. Trata-se do domínio linguístico que mais reflete o ambiente físico, psíquico e social dos falantes, aquilo que conseguimos ver, tocar ou sentir. Sabendo disso, este artigo investiga a variação lexical para o item “fantasma” falado por amapaenses.

No sentido de compreender as várias denominações dadas por falantes amapaenses ao item “fantasma”, apresentamos a seguir a abordagem teórica, os procedimentos metodológicos e a apresentação dos resultados encontrados nesta pesquisa.

1 GEOLINGUÍSTICA E VARIAÇÃO LEXICAL NO AMAPÁ

Este estudo tem como base teórico-metodológica a Dialetologia e a Geolinguística. A primeira encarrega-se de estudar o conjunto de variedades linguísticas com a finalidade de observar a variação linguística (variação intra e extralinguística), possibilitando a criação de dicionários, glossários e atlas linguísticos. Já a segunda encarrega-se de mapear os aspectos linguísticos e extralinguísticos em uma determinada área geográfica. Assim, a Geolinguística é considerada o método da Dialetologia.

De forma mais precisa, Cardoso (2010) define a Dialetologia como um ramo dos estudos linguísticos que tem por finalidade identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica.

Para aplicar o método geolinguístico, Ferreira e Cardoso (1994) orientam que se deve definir, primeiramente, o campo linguístico a ser analisado, em seguida, com a seleção da(s) localidade(s), do(s) informante(s) e dos instrumentos de pesquisa que serão utilizados na coleta dos dados linguísticos. As autoras ressaltam que também é preciso considerar a história, a geografia e o contexto social para a seleção dos pontos de inquérito.

Sobre o surgimento da Geolinguística na Europa, Chambers e Trudgill (1994) afirmam que ela nasce da necessidade de estudar os dialetos de forma mais prática, adotando mapas linguísticos para demonstrar as variações linguísticas de determinados grupos de falantes. Esse tipo de pesquisa começa a se destacar no fim do século XIX, com o alemão Wenker e, posteriormente, com o francês Jules Gilliéron, visando documentar os dialetos de seus respectivos países.

No Brasil, Aragão (2005) afirma que a pré-geolinguística inicia com o trabalho de Domingos Borges de Barros, Visconde da Pedra Branca que, em 1826, escreveu uma nota sobre as diferenças do dialeto brasileiro em comparação com o português europeu. Esta nota está publicada na obra intitulada *Introduction à l'Atlas ethnographique du globe*, a pedido do geógrafo italiano Adrien Balbi.

Em relação ao período que marca o início da Geolinguística brasileira, destaca-se, a priori, a publicação do primeiro atlas linguístico brasileiro, o Atlas

Prévios dos Falares Baiano - APFB (ROSSI, *et al.*, 1963), e, posteriormente, a formação de um comitê nacional para elaborar o Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, em 1996.

No que tange ao ALiB, este é considerado um projeto de caráter nacional e que ainda está em desenvolvimento. Até o momento, foram publicados dois volumes, um introdutório-explicativo e o outro com 159 cartas linguísticas, contemplando 25 capitais do Brasil. Este macroprojeto teve e continua tendo uma forte influência na pesquisa dialetal e geolinguística no Brasil, uma vez que os atlas linguísticos regionais e estaduais que foram publicados recentemente tiveram como suporte teórico-metodológico os postulados do ALiB, como é o caso do Atlas Linguístico do Amapá – ALAP.

O Projeto ALAP iniciou em 2010, sob a coordenação dos professores Celeste Maria da Rocha Ribeiro, da Universidade Federal do Amapá, e Abdelhak Razky, da Universidade Federal do Pará e da Universidade de Brasília, e ainda continua sendo executado mesmo após a publicação do primeiro volume do atlas, em 2017. Desde 2010 até o presente momento, já foram realizados vários estudos variacionistas, a maioria utiliza os dados do ALAP e, em outros casos, são trabalhos que utilizam dados linguísticos para outros projetos de pesquisa. A seguir, serão apresentados abaixo os estudos sobre variação lexical do português falado no Amapá, conforme o Quadro 1.

Quadro 1: Estudos sobre variação lexical no Amapá

Título da pesquisa	Gênero	Ano
1. Variação lexical para libélula no Atlas Linguístico do Amapá	Artigo	2013
2. Variação semântico-lexical no Amapá	Artigo	2014
3. Variação Lexical nos dados do Projeto Atlas Geossociolinguístico do Amapá	Dissertação	2015
4. Variação lexical para o item prostituta no Amapá	Artigo	2015
5. Variação Linguística para Cigarro de Palha e Toco de Cigarro no Atlas Linguístico do Amapá	Artigo	2015
6. Variação lexical do português falado no Amapá	Artigo	2017
7. Esboço de inventário lexical da língua falada no Amapá a partir dos estudos geolinguísticos	Artigo	2017
8. O Projeto Atlas Linguístico do Amapá (ALAP): caminhos percorridos e estágio atual	Artigo	2017
9. Mapeamento lexical do português falado pelos Wajãpi no estado do Amapá: uma abordagem geossociolinguística	Dissertação	2017
10. Atlas Linguístico do Amapá: um recorte da variação lexical no falar amapaense	Artigo	2018
11. Gambá ou mucura? Como falam os amapaenses	Artigo	2019

12. Variação Lexical no Atlas Linguístico do Amapá – ALAP	Artigo	2019
13. Dialetoлогия contatual variação lexical do Português e do Kheuól na área indígena dos Karipuna do Amapá.	Artigo	2020
14. Microatlas linguístico (Português-Kheuól) da área indígena dos Karipuna do Amapá	Tese	2020
15. Variação lexical para os itens calcinha e rouge: um estudo sobre o léxico do Português falado pelos Karipuna do Amapá	Artigo	2020
16. Variantes lexicais para cigarro de palha no Português falado por indígenas na Amazônia brasileira	Artigo	2020
17. Variação lexical na Amazônia Setentrional: um estudo comparativo à luz do Atlas Linguístico do Amapá	Monografia	2020
18. Variação lexical em Macapá: um estudo comparativo com o Atlas Linguístico do Amapá (ALAP)	Artigo	2020
19. De pouca telha a mão de neném: fraseologismos nos dados do Atlas Linguístico do Amapá	Artigo	2020
20. A variação semântico-lexical no falar dos moradores da vila de Serra do Navio: um estudo geolinguístico	Monografia	2021

Fonte: Sanches (2021, p. 8-9), adaptado pelos autores.

No quadro acima, foi possível identificar, conforme levantamento realizado por Sanches (2021), 15 artigos científicos, duas Dissertações de Mestrado, duas Monografias e uma Tese de Doutorado. Esses trabalhos datam de 2013 a 2021, todos com foco na variação lexical. Alguns dos itens já investigados são: *riacho*, *redemoinho*, *onda de mar*, *onda de rio*, *redemoinho de vento*, *temporal*, *garoa*, *neblina*, *anoitecer*, *libélula*, *cigarro de palha*, *toco de cigarro*, *rouge*, *calcinha* etc. Vale destacar que a variação para o léxico “fantasma” ainda consta como um dos itens não analisados, no entanto, espera-se que tal análise seja realizada, satisfatoriamente, neste artigo.

2 VARIAÇÃO LEXICAL PARA “FANTASMA” NO BRASIL

O léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos, além de contemplar todo o universo conceptual existente de um grupo linguístico. Para Biderman (2001), o conjunto do léxico é a soma de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura deixada pelas diferentes gerações. Os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos agentes, no processo de perpetuação e reelaboração contínua do léxico da sua língua.

Para investigar o léxico de uma língua, Paim (2012) destaca dois principais métodos. O primeiro é o estudo de corte etnográfico, que se dá por convivência ou observação direta dos discursos, e o segundo é a entrevista, em

que o pesquisador induzirá amostras da variação lexical estudada, sendo mais eficiente para pesquisas quantitativas.

O estudo da variação lexical é bastante variado, pode-se investigar, por exemplo, a preferência de uso de determinada forma lexical de um falante ou grupos de falantes ou verificar a frequência de uso lexical em certas comunidades de fala, podendo constatar a norma lexical utilizada por elas.

No caso da pesquisa geolinguística, comumente, procuram-se descrever a variação lexical na fala de pessoas de localidades diferentes. Isso ajuda a delimitar as áreas dialetais e os agrupamentos linguísticos que se destacam numa dada região, além de fornecer um panorama da situação lexical atual das línguas.

Como exemplo de um estudo lexical na perspectiva geolinguística, vejamos, a seguir, as variantes lexicais usadas para “fantasma” em alguns dados de atlas linguísticos brasileiros, a saber: Atlas Linguístico da Mesorregião do Marajó-PA (2005), Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS (2011), Atlas Linguístico de Goiás – ALinGo (2015), Atlas Linguístico do Brasil – ALiB/Bahia (2016), Atlas Linguístico do Brasil – ALiB/Maranhão (2019) e Atlas Linguístico dos Karipuna – ALIKAP (2020).

No trabalho de Silva (2005), um estudo semântico-lexical na Mesorregião do Marajó-PA, a autora cartografou as seguintes variantes lexicais encontradas para denominar “fantasma”: *visagem, assombração, fantasma, espírito, alma e visão*.

No Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS (2011), as variantes lexicais encontradas para nomear “fantasma” foram *assombração, assombro, assombra, fantasma visagem, visão, alma e aparência*.

Já no Atlas Linguístico de Goiás – ALinGo (2015), os autores encontraram as seguintes variantes para “fantasma”: *assombração, visão, fantasma, alma, espírito, Livosia, aparição, visagem, vulto e alucinação*.

Na Dissertação de Mestrado de Oliveira (2016), sobre variação lexical do campo semântico religião e crença, no Estado da Bahia, a partir dos dados do ALiB, a autora cartografou seis variantes: *assombração, alma* (de outro mundo, penada e perda), *fantasma, visagem, livosia e vulto*.

No artigo de Santos (2019), sobre o item fantasma nos dados do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, no Estado do Maranhão, a autora cartografou as

variantes: *assombração, espírito, vulto, alma* (penada, perdida), *visagem, fantasma, morto-vivo, sombra, difunto, livosia, lobisomem, visão* e *ET* (extraterrestre).

Por fim, o trabalho mais recente, que traz em sua composição uma carta lexical sobre o item “fantasma”, é o Atlas Linguístico dos Karipuna – ALIKAP (2020). Trata-se de um estudo bilíngue, voltado para o léxico falado em português e em *kheuól* (língua crioula de base francesa falada pelo povo Karipuna do Amapá). No caso das variantes em português, para nomear “fantasma”, o autor registrou as seguintes variantes: *visagem, assombração, misura, fantasma, alma, bicho, espírito, vulto, zumbi, lobisomem, zura* e *matinta perera*.

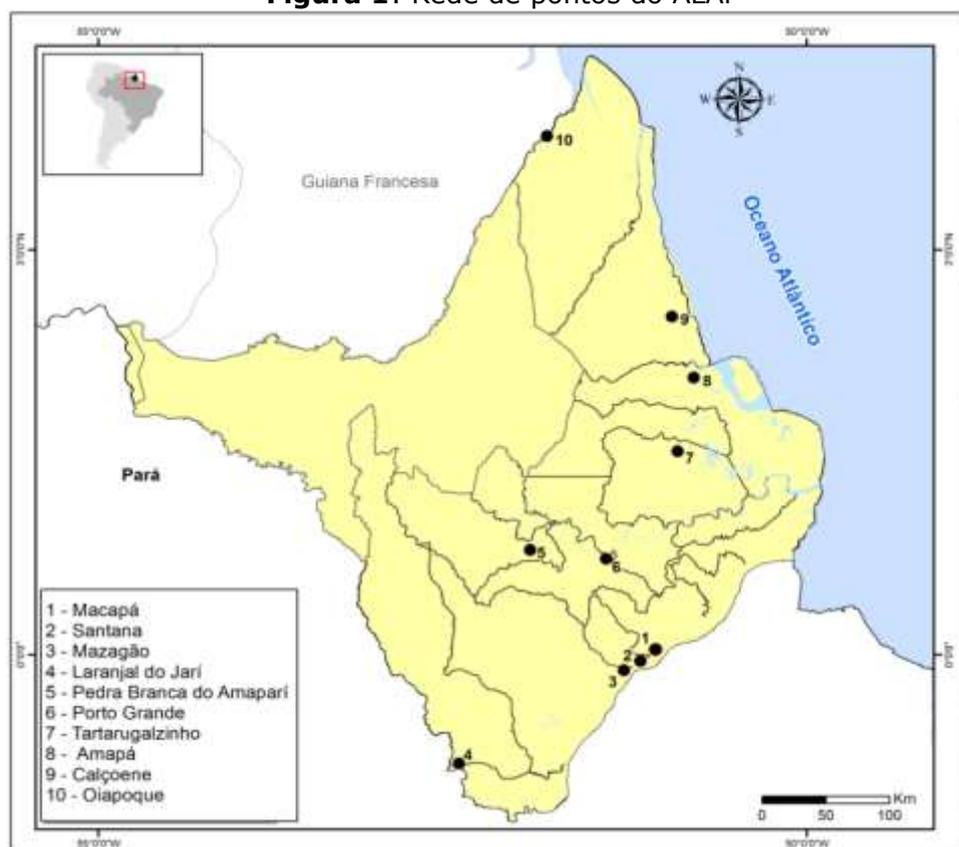
Tendo em vista essa diversidade lexical descrita e mapeada nos trabalhos apresentados acima, para denominação de “fantasma” em português, buscaremos responder nas próximas seções às seguintes perguntas: Quais são as variantes lexicais encontradas para denominar “fantasma” no Amapá? E quais as variantes divergentes ou convergentes a partir dos trabalhos geolinguísticos já produzidos?

3 METODOLOGIA DA PESQUISA GEOLINGUÍSTICA

Antes de apresentarmos os resultados da pesquisa, é preciso compreender a natureza metodológica da pesquisa geolinguística adotada para o Atlas Linguístico do Amapá – ALAP.

As principais etapas da pesquisa geolinguística são: seleção das localidades, seleção dos informantes e coleta de dados *in loco*. A primeira etapa consiste em situar os pontos de inquérito, isto é, as localidades selecionadas para realização da pesquisa de campo. Assim, a equipe ALAP selecionou 10 municípios do Estado do Amapá, conforme sua importância histórica, cultural e econômica, a saber: 1) Macapá, 2) Santana, 3) Mazagão, 4) Laranjal do Jari, 5) Pedra Branca, 6) Porto grande, 7) Tartarugalzinho, 8) Amapá, 9) Calçoene e 10) Oiapoque, cada localidade está enumerada de 1-10, conforme mostra a Figura 1.

Figura 1: Rede de pontos do ALAP



Fonte: Razky, Ribeiro e Sanches (2017, p. 53), adaptado por Sanches (2019).

A segunda etapa diz respeito à seleção dos informantes. Para o ALAP foram considerados 40 informantes, estratificados, socialmente, de acordo com o sexo/gênero (masculino e feminino) e a faixa etária (18-30 anos e 50-75 anos). Para cada localidade, foram entrevistados quatro informantes.

Por fim, a terceira etapa consiste na coleta de dados, a qual foi realizada *in loco*, a partir de aplicação de dois tipos de questionário¹, o Questionário Fonético-Fonológico - QFF, com 159 perguntas, e o Questionário Semântico-Lexical - QSL, com 202 perguntas.

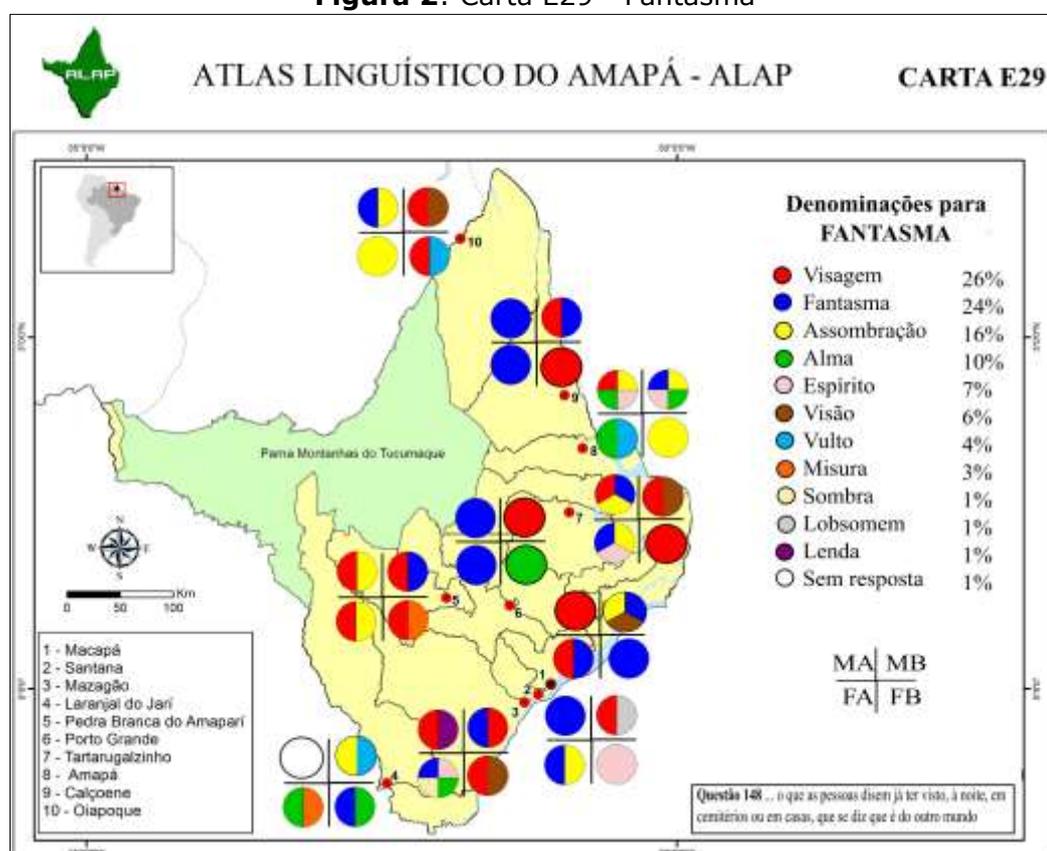
Para esta pesquisa, consideramos apenas uma pergunta do QSL, a questão de número 148 que diz o seguinte: “o que as pessoas dizem já ter visto, à noite, em cemitérios ou em casas abandonadas, que dizem ser de outro mundo?”. A partir desta pergunta feita aos informantes, foram registradas e mapeadas as variantes lexicais que serão apresentadas na próxima seção.

¹ Os questionários usados para pesquisa do ALAP são os mesmos do Projeto ALiB.

4 DENOMINAÇÕES PARA “FANTASMA” NO AMAPÁ

Nesta seção, apresentamos, a seguir, a descrição e o mapeamento da variação geográfica e social para o item lexical “fantasma” falado no Amapá. Abaixo, segue a carta E29², publicada no Atlas Linguístico do Amapá – ALAP. Vale ressaltar que, no mapa original, as variantes menos frequentes encontram-se na legenda “outras”, no entanto, para este estudo, incluímos no mesmo mapa todas as variantes mencionadas pelos informantes pesquisados, conforme mostra a Figura 2.

Figura 2: Carta E29 - Fantasma



Fonte: Razky, Ribeiro e Sanches (2017, p. 278), adaptada pelos autores.

A partir da carta E29, constatamos que as variantes encontradas para o item “fantasma” no Estado do Amapá foram: *visagem*, com 26% de frequência; *fantasma*, com 24%; *assombração*, com 16%; *alma*, com 10%; *espírito*, com 7%; *visão*, com 6%; *vulto*, com 4%; *misura*, com 3%; *sombra*, *lobisomem* e

² Carta E29 = Carta Estratificada de número 29.

lenda com 1% cada; e, por fim, 1% de não-resposta, conforme pode ser observado na Figura 2.

Na descrição geográfica das variantes lexicais, observamos que, no ponto 1 (Macapá), a variante mais frequente foi *fantasma*, com 43% das ocorrências, seguido de *visagem*, com 29%, *assombração* e *visão*, com 14% cada. No ponto 2 (Santana), as variantes encontradas foram *fantasma*, com 33%, *visagem*, *espírito* e *lobisomem*, com 17%, e *assombração*, com 16%. No ponto 03 (Mazagão), 30% dos dados correspondem à *visagem*, 20% para *fantasma* e 10% responderam *alma*, *espírito*, *visão*, *sombra* e *lenda*. No ponto 04 (Laranjal do Jari), foram encontradas as variantes *alma*, com 29%, *fantasma*, com 15%, *assombração*, *vulto* e *misura* com 14% das ocorrências cada e 14% indicam que não houve resposta.

No ponto 05 (Pedra Branca do Amapari), houve a presença da variante *visagem*, que representa 50% das ocorrências, *assombração*, com 25%, *fantasma*, com 13% e *misura*, com 12%. No ponto 06 (Porto Grande), foram registrados *fantasma*, com 50%, *visagem* e *alma* aparecem com 25%. No ponto 07 (Tartarugalzinho), foram registrados 34% para *visagem*, 22% para *fantasma* e 11% para *assombração*, *espírito* e *visão*. No ponto 08 (Amapá), houve registro de 28% para *assombração*, 27% para *alma*, 18% para *espírito*, 9% para *visagem*, *fantasma* e *vulto*. No ponto 09 (Amapá), as variantes encontradas foram *fantasma* e *visagem*, com 60% e 40% respectivamente. Por último, no ponto 10 (Oiapoque), houve a presença das variantes *visagem* e *assombração*, com 29%, *fantasma*, *visão* e *vulto*, com 14% cada.

Para análise mais detalhada, sobre as denominações registradas no Amapá para “fantasma”, dividimos em dois grupos de variantes, as mais frequentes e as menos frequentes.

Quadro 2: Variantes mais frequentes para “fantasma”

Localidades	fantasma	visagem	assombração	alma	espírito	visão
01 - Macapá	x	x	X	-	-	x
02 - Santana	x	x	X	-	x	-
03 - Mazagão	x	x	-	x	x	x
04 - Laranjal do Jari	x	-	X	x	-	-
05 - Pedra Branca	x	x	X	-	-	-
06 - Porto Grande	x	x	-	x	-	-
07 - Tartarugalzinho	x	x	X	-	x	x
08 - Amapá	x	x	-	-	-	-

09 - Calçoene	x	x	X	x	x	-
10 - Oiapoque	x	x	X	-	-	x

Fonte: Elaboração dos autores.

No Quadro 2, elencamos as variantes mais frequentes: *fantasma*, *visagem*, *assombração*, *alma*, *espírito* e *visão*. Neste quadro, percebemos que a variante *fantasma* foi mencionada em todas as localidades do ALAP; a variante *visagem* não foi mencionada na localidade 4 (Laranjal do Jari); a variante *assombração* não foi mencionada nas localidades 3 (Mazagão) e 6 (Porto Grande); a variante *alma* apareceu nas localidades 3 (Mazagão), 4 (Laranjal do Jari), 6 (Porto Grande) e 9 (Calçoene); a variante *espírito* foi mencionada nas localidades 2 (Santana), 3 (Mazagão), 7 (Tartarugalzinho) e 9 (Calçoene); e, por fim, a variante *visão* foi registrada nas localidades 1 (Macapá), 3 (Mazagão), 7 (Tartarugalzinho) e 10 (Oiapoque).

Quadro 3: Variantes menos frequentes para “fantasma”

Localidades	vulto	misura	sombra	lobisomem	lenda
01 - Macapá	-	-	-	-	-
02 - Santana	-	-	-	x	-
03- Mazagão	-	-	x	-	x
04 - Laranjal do Jari	x	x	-	-	-
05 - Pedra Branca	-	x	-	-	-
06 - Porto Grande	-	-	-	-	-
07 - Tartarugalzinho	-	-	-	-	-
08 - Amapá	-	-	-	-	-
09 - Calçoene	x	-	-	-	-
10 - Oiapoque	x	-	-	-	-

Fonte: Elaboração dos autores.

No Quadro 3, observamos as variantes menos frequentes para “fantasma”. No caso da variante *vulto*, esta foi encontrada nas localidades 4 (Laranjal do Jari), 9 (Calçoene) e 10 (Oiapoque); *misura*, nas localidades 4 (Laranjal do Jari) e 5 (Pedra Branca do Amaparí); *sombra*, somente na localidade 3 (Mazagão); *lobisomem*, na localidade 2 (Santana); e *lenda*, na localidade 3 (Mazagão).

A respeito do registro lexicográfico dessas variantes nos principais dicionários de língua portuguesa (HOUAISS; VILLAR, 2009; FERREIRA, 2010), verificamos que apenas a variante *misura* não se encontra registrada. E na consulta realizada no Vocabulário Dialectal da Região Norte³, de Sousa (2019),

³Este trabalho está vinculado ao *Dicionário Dialectal Brasileiro* (DDB), projeto em andamento que conta com a contribuição das áreas da Dialectologia, da Lexicografia e das

identificamos, também, que a mesma variante não aparece. A autora apresenta em seu trabalho as variantes *alma penada*, *assombração*, *espírito*, *fantasma*, *visagem* e *visão*, como respostas válidas, correspondentes à pergunta 148 do QSL do ALiB, conforme aponta o Quadro 04.

Quadro 4: Denominações para “fantasmas” no vocabulário dialetal da Região Norte

Alma penada ~ alma – sf. (< <i>alma</i> [este, lat. <i>anima</i>] + <i>penada</i> [este, <i>pena</i> + - <i>ada</i>]) ^a . → assombração. → fantasma. → espírito. → visão. → visagem. ‘aparicação de fenômeno sobrenatural’.
Assombração – sf. (< <i>assombrar</i> + - <i>ção</i>) ^a . → alma penada. → assombração. → fantasma. → espírito. → visão. → visagem. ‘aparicação de fenômeno sobrenatural’
Espírito – sm. (< lat. <i>spiritus</i>) ^a . → alma penada. → assombração. → fantasma. → visão. → visagem.
Fantasma – sf. (< lat. <i>phantasma</i>) ^a . → alma penada. → assombração. → fantasma. → espírito. → visão. → visagem.
Visagem ~ visage – sf. (< fr. <i>visage</i>) ^c . → alma. → alma penada. → assombração. → fantasma. → espírito. → visão. ‘aparicação de fenômeno sobrenatural’.
Visão – sf. (< lat. <i>visio, onis</i>) ^a . → alma. → alma penada. → assombração. → fantasma. → espírito. → visagem. ‘aparicação de fenômeno sobrenatural’.

Fonte: Sousa (2019).

No que tange à intercomparação das variantes lexicais do item “fantasma”, levando em consideração trabalhos de natureza geolinguística, constatamos que as lexias *fantasma*, *assombração*, *visagem* e *alma* estão presentes nos sete estudos investigados aqui, conforme Quadro 04, que correspondem à região do Marajó, no Pará, à Região Sul do Brasil (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), aos Estados de Goiás, Bahia, Amapá, Maranhão e à Terra Indígena Karipuna do Amapá, localizada no extremo Norte do Brasil.

Quadro 5: Intercomparação geolinguística do item “fantasma”

Dados Lexicais	Marajó/PA Silva (2005)	Região Sul Altenhofen e Klassmann (2011)	Goiás Milani <i>et al.</i> (2015)	Bahia Oliveira (2016)	Amapá Razky, Ribeiro e Sanches (2017)	Maranhão Santos (2019)	Karipuna do Amapá Sanches (2020)
fantasma	x	x	x	X	x	x	x
assombração	x	x	x	X	x	x	x
visagem	x	x	x	X	x	x	x

ciências da informação, visando registrar a realidade linguística do português brasileiro no âmbito da lexicografia (MACHADO FILHO, 2010).

alma	X	X	X	X	X	X	X
espírito	X	-	X	-	X	X	X
visão	X	X	X	-	X	-	-
vulto	-	-	X	X	X	-	X
misura	-	-	-	-	X	-	X
lobisomem	-	-	-	-	X	X	X
zumbi	-	-	-	-	-	-	X
matinta perera	-	-	-	-	-	-	X
bicho	-	-	-	-	-	-	X
zura	-	-	-	-	-	-	X
lenda	-	-	-	-	X	-	-
sombra	-	-	-	-	X	X	-
assombro(a)	-	X	-	-	-	-	-
aparição	-	-	X	-	-	-	-
livosia	-	-	X	-	-	X	-
alucinação	-	-	X	-	-	-	-
aparência	-	X	-	-	-	-	-
e.t.	-	-	-	-	-	X	-
morto-vivo	-	-	-	-	-	X	-
defunto	-	-	-	-	-	X	-

Fonte: Elaboração dos autores.

No caso da denominação *espírito*, não foi registrada no Sul do Brasil e na Bahia. Já a variante *visão* não apareceu na Bahia, no Maranhão e na TI Karipuna. A lexia *vulto* foi registrada em Goiás, Bahia, Amapá e TI Karipuna. *Misura* só aparece no Amapá e na TI Karipuna. *Lobisomem* também aparece no Amapá, na TI Karipuna e no Maranhão. As variantes *zumbi*, *matinta perera*, *bicho* e *zura* somente foram registradas na TI Karipuna. *Lenda* só foi encontrada no Amapá. *Sombra* aparece no Amapá e no Maranhão. *Assombro(a)* e *aparência* só foram mapeadas na Região Sul. *Aparição* e *alucinação* em Goiás. *Livosia* em Goiás e no Maranhão. E, por fim, *e.t.* (extraterrestre), *morto-vivo* e *defunto* foram encontrados no Maranhão.

Para finalizar esta análise, seguimos para a apresentação da variação social, na qual foram elaboradas duas tabelas. Na primeira, Tabela 1, demonstramos a variação diassexual (homens e mulheres) para o item “fantasma” e, na segunda, Tabela 2, a variação diageracional (18-30 anos e 50-70 anos).

Tabela 1: Variação diassexual

Variantes	Homem		Mulher	
	Ocor.	%	Ocor.	%
Visagem	12	63%	7	37%
Fantasma	10	56%	8	44%
Assombração	7	58%	5	42%
Alma	2	29%	5	71%
Espírito	2	40%	3	60%
Visão	3	75%	1	25%
Vulto	1	33%	2	67%
Misura	0	0%	2	100%
Sombra	0	0%	1	100%
Lobisomem	1	100%	0	0%
Lenda	1	100%	0	0%

Fonte: Elaborado pelos autores

Na Tabela 1, a variante *visagem* aparece com 63% na fala dos homens e com 37% na fala das mulheres; *fantasma* com 56% na fala dos homens e 44% na fala das mulheres; *assombração* foi registrada com 58% para homens e 42% para mulheres; *alma* aparece com 29% para homens e 71% para mulheres; *espírito* apresenta 40% para homens e 60% para mulheres; *visão* com 75% para homens e 25% para mulheres; *vulto* aparece com 33% para homens e 67% para mulheres; *misura* e *sombra* aparecem somente na fala das mulheres; já *lobisomem* e *lenda* aparecem somente na fala dos homens.

Tabela 2: Variação diageracional

Variantes	Grupo A		Grupo B	
	Ocor.	%	Ocor.	%
Visagem	7	37%	12	63%
Fantasma	11	61%	7	39%
Assombração	8	67%	4	33%
Alma	4	57%	3	43%
Espírito	3	60%	2	40%
Visão	0	0%	4	100%
Vulto	1	33%	2	67%
Misura	1	50%	1	50%
Sombra	1	100%	0	0%
Lobisomem	0	0%	1	100%
Lenda	1	100%	0	0%

Fonte: Elaborado pelos autores

Na Tabela 2, a variante *visagem* apresenta 37% na fala dos informantes de primeira faixa etária (Grupo A) e 63% na fala dos de segunda faixa etária (Grupo B); a variante *fantasma* ocorreu com 61% para o grupo A e 39% para grupo B; *assombração* aparece com 67% para o grupo A e 33% para o grupo B; *alma* ocorreu com 57% para grupo A e 43% para o grupo B; *espírito* obteve 60% de frequência para o grupo A e 40% para o grupo B; *visão* aparece com 100% para grupo B; *vulto* aparece com 33% para o grupo A e com 67% para o grupo B; por fim, *misura* ocorreu com 50% em ambas as faixas etárias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a publicação do ALiB, estudos sobre variação geolinguística no Brasil tem se intensificado cada vez mais, seja em decorrência do *corpus* extenso e diversificado que fora constituído, seja pela influência que o projeto teve nas universidades brasileiras, proporcionando a produção de novos atlas linguísticos baseados em seus pressupostos, como é o caso do ALAP.

Com a primeira edição publicada, já é perceptível o impacto e a importância do ALAP para comunidade acadêmica e comunidade em geral, tendo em vista que o projeto tem despertado o interesse ou a curiosidade de professores, pesquisadores, alunos etc., em saber como os amapaenses falam.

Neste sentido, este artigo apresentou uma amostra das variantes lexicais encontradas para nomear o item "fantasma", no qual, constatamos que as variantes mais frequentes foram: *visagem*, com 26%, *fantasma*, com 24%, *assombração*, com 16%, *alma*, com 10%, *espírito*, com 7%, e *visão*, com 6%. Entre as menos frequentes estão: *vulto*, com 4%, *misura*, com 3%, e *sombra*, *lobisomem* e *lenda*, com 1% cada.

Quanto à variação diasssexual, observamos que os homens, de forma geral, preferem usar as variantes *visagem*, *fantasma*, *assombração*, *visão*, *lobisomem* e *lenda*. Já as mulheres mencionam com mais frequência as variantes *alma*, *espírito*, *vulto*, *misura* e *sombra*.

Na análise da variação diageracional, percebemos que os informantes de primeira faixa etária (18-30 anos) responderam com mais frequência as variantes *fantasma*, *assombração*, *alma*, *espírito*, *sombra* e *lenda*. Enquanto os de segunda faixa etária (50-70 anos) responderam com mais frequência as

variantes *visagem*, *visão* e *lobisomem*. Somente a variante *misura* aparece com 50%, tanto para os de primeira faixa etária como para os de segunda faixa etária.

Para finalizar, destacamos que este estudo se faz necessário pelo grande número de dados do ALAP que ainda não foram publicados, mapeados, descritos e analisados. Com isso, esperamos que esta pesquisa possa despertar o interesse de pesquisadores da Linguística ou de áreas afins, além de proporcionar conteúdo para novos estudos científicos de caráter comparativo, descritivo, histórico, sociológico ou antropológico.

REFERÊNCIAS

ALTENHOFEN, Cléo Vilson; KLASSMANN, Mário. **Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS**: cartas semântico-lexicais. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Editora UFSC, 2011.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. O período pré-geolingüístico: do Visconde da Pedra Branca ao primeiro atlas regional. In: **Anais do IV Congresso Internacional da ABRALIN**. Brasília: [s.n.], 2005, p. 105-111.

BALBI, Adrien. **Atlas ethnographique du globe**. Paris: [s.ed.], 1826.

BIDERMAN, Maria Tereza. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. v. 1. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001. p. 153-166.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CHAMBERS, Jack; TRUDGILL, Petter. **La dialectologia**. Trad. Camen Morán González. Madrid: Visor Libros, 1994.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **O Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 3. ed. Editora Positivo, 2009.

FERREIRA, Cartola; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **A Dialectologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Sales. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. Um ponto de intersecção para a dialectologia e a lexicografia: a proposição de elaboração de um dicionário dialetal brasileiro com base nos dados do ALiB. **Revista Estudos Linguísticos e Literários**, n. 41, p. 49-70, 2010.

MANDELBAUM, Belinda. Sobre fantasmas e assombrações. **Revista IDE**, São Paulo, v. 40, n. 66, p. 193-197, dez., 2018.

MILANI, Sebastião Elias (et al.). **Atlas Linguístico de Goiás - ALINGO**: léxico-fonético. Rio de Janeiro: Barra Livros, 2015.

OLIVEIRA, Ingrid Gonçalves de. **Religiões e crenças na Bahia**: aspectos do léxico espelhados nos dados do Projeto ALiB. 2016. 275f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura. Universidade Federal da Bahia – UFPA, 2016.

PAIM, Marcela Torres. Aspectos da variação Semântico-lexical nas Capitais brasileiras. *In*: ALTINO, Fabiane (Org.). **Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística**: Uma homenagem à Vanderci de Andrade Aguilera. Londrina: Midiograf, 2012, p. 128-146.

RAZKY, Abdelhak; RIBEIRO, Celeste Maria da Rocha; SANCHES, Romário Duarte. **Atlas Linguístico do Amapá**. São Paulo: Labrador, 2017.

SANCHES, Romário Duarte. **Atlas Linguístico dos Karipuna do Amapá – ALIKAP**. Rio Branco-AC: NEPAN, 2020.

SANCHES, Romário Duarte. Variação linguística no Português falado no Amapá. **Cadernos de Linguística**, v. 2, n. 4, p. 1-19, 2021.

SANTOS, Georgiana Márcia Oliveira. Religião e crenças: uma análise léxico-semântica dos dados do ALiB no Maranhão. **Revista de Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, v. 63, n. Especial, p. 157-170, 2019.

SAPIR, Edward. **Linguística como ciência**. Trad. Joaquim Matosso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

SILVA, Maria do Perpétuo Socorro Cardoso. **Estudo semântico-lexical com vistas ao Atlas Linguístico da Mesorregião do Marajó-PA**. Belém: UNAMA, 2005.

SOUSA, Cemary Correia de. **Vocabulário dialetal da Região Norte do Brasil**: um estudo das capitais com base nos dados do Projeto ALiB. 2019. 134f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura. Universidade Federal da Bahia – UFPA, 2019.

TYLOR, Edward Burnett. **Primitive Culture**. Londres: Murray, 1871.

Sobre os autores

Romário Duarte Sanches

Doutor em Letras (Linguística) pela Universidade Federal do Pará – UFPA.

Contato: romario.sanches@ueap.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0571-303X>

Andreina Nunes Pereira

Graduação em Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Espanhola pela Universidade do Estado do Amapá – UEAP.

Contato: andreinapereira456@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4570-7029>

Artigo recebido em: 09 de dezembro de 2021.

Artigo aceito em: 20 de abril de 2022.